

Noticias do Alentejo

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Biblioteca Nacional

LISBOA

TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos
Telefone 59 Apartado 3
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 240 — Domingo, 12 de Janeiro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PORTUGAL UM PAÍS IDEAL

A IMPORTANTE revista inglesa «The Illustrated London News» publicou em 21 de Dezembro um suplemento a que deu o título «Portugal em gravura e em cores».

O documentário português principia logo na primeira página da revista, com uma série de fotografias do Estoril, de Guimarães — «panoramas para recortar» — um trecho da paisagem madeirense, Coimbra e a sua Universidade, Figueira da Foz, o casario branco de uma aldeia portuguesa do Alentejo, o Templo de Diana, o pitoresco da costa algarvia e Lisboa — cidade multicor — debruçada sobre o Tejo, «que tem o brilho do céu reflectido nuns olhos de criança.»

A abrir as folhas de texto, uma esplêndida fotografia de página do Presidente

do Conselho português, com a legenda: «O Doutor Oliveira Salazar — obreiro do Portugal moderno e seu Chefe de Governo desde há 25 anos». Seguem-se algumas breves notas biográficas.

Sob a fotografia do Sr. General Craveiro Lopes, Chefe do Estado Português,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

MISERICÓRDIA de Loulé

No passado dia 29, tomaram posse os novos componentes da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, que fica assim constituída: Provedor — dr. Jaime Guerreiro Rua; vice-provedor — João Farrajota Alves; secretário — José Centeno de Sousa Martins; tesoureiro — dr. Manuel Barreiros; Vogais — João Rocha Mendonça, Francisco José Ramos e Barros e Sebastião Rodrigues Marques.

O acto teve numerosa concorrência e foi presidido pelo provedor cessante, sr. José Francisco Costa, que estava ladeado pelos srs. dr. Manuel Cabeçadas, director clínico do Hospital, José João Ascensão Pablos, presidente da Câmara Municipal de Loulé, dr. Jaime Guerreiro Rua, novo provedor e director do nosso prezado colega «A Voz de Loulé», e Francisco José Ramos e Barros, que secretariou.

FOI APROVADO

O ORÇAMENTO

MUNICIPAL

PARA O ANO DE 1958

Em sessão extraordinária, realizada na Câmara Municipal desta vila, no dia 31 de Dezembro findo, sob a presidência do sr. Matias Barroso Gomes Sanches, foi aprovado o Orçamento Ordinário para o ano em curso, num total de 2.894.000\$00.

A receita ordinária é calculada em 2.264.430\$00, a receita consignada em 168.700\$ e a receita extraordinária em 460.870\$00.

No capítulo das despesas, a ordinária é calculada em 1.925.300\$00, a consignada em 168.700\$00 e a extraordinária em 800.000\$.

O saldo líquido apresentado naquela data foi de 1.975.371\$90.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

MA dias um leitor procurou-me na Redacção do Jornal onde tenho agora um cargo. Queria conhecer-me pessoalmente. Era assíduo leitor destas crónicas, segundo me informou. Gostava também «das Cartas de Longe» com que nos premeia um dos maiores

valores, que escrevem neste jornal: Carvalho e Rego; e também dos tão humanos como saborosos trechos do prof. Trindade e Lima. Maria Manuela Nunes, com a sua terna sensibilidade de poetisa, desfiava todo um rosário de figuras que jamais podiam apagar-se-lhe da lembrança.

É sempre agradável travar conhecimento com um leitor — quase sempre se ganha um amigo, sobretudo quando a nossa presença física não vai colidir com a presença intelectual. Em quem escreve, há sempre o desejo do diálogo. Pela minha parte não processo outra coisa.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

«SAGRES» — UM TEMA SEMPRE OPORTUNO

A propósito da incerteza em que se vive — e, principalmente, vivem os algarvios, que acalentam, muito justamente, essa ideia como uma das suas mais queridas e legítimas aspirações — sobre se se erguerá ou não o monumento ao Infante D. Henrique, o ilustre escritor jornalista algarvio, Julião Quintinha, declara, em artigo que vimos transcrito no nosso colega «Voz do Sul», de Silves:

«Mas porque volta a falar-se no local onde deverá erguer-se, possivelmente, tal monumento, aqui fica a minha humilde opinião de que outro local não vejo mais próprio do que o Promontório de Sagres, onde morreu o Infante, depois de ali ter vivido os gloriosos dias em que iniciou e impulsionou a em-

OS «JOGRAIS DE S. PAULO» EM FARO

Conforme noticiámos no nosso último número, exhibe-se em Faro no próximo dia 15 do corrente, no Cine-Teatro Santo António, o esplêndido conjunto vocal «OS JOGRAIS DE S. PAULO» que tão grandes apoteoses têm recebido no nosso país, durante os seus recitativos.

presa colossal dos Descobrimientos.

Sagres, Na História Universal dos Descobrimientos Marítimos e no movimento de Civilização a que estes estão ligados, é um lugar único, incomparável, consagrado pela investigação histórica e ciência náutica e geografia, em todo o Mundo culto. Não só em Portugal, mas em todos os

institutos científicos internacionais, que se ocupam de estudos de expansão marítima, quando nos livros, cartas e velhos documentos, se encontra a palavra Sagres, todos associam ao Promontório a figura do Infante D. Henrique e muitos a visionam na solidão desse rochedo, como que a interrogar os profundos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

O COMANDANTE LUÍS FIGUEIREDO é homenageado esta tarde

numa cerimónia que se realiza nos Paços do Concelho



Luís Cardoso de Figueiredo

CONFORME noticiámos oportunamente, foi distinguido com a Medalha de Ouro da Liga dos Bombeiros Voluntários Portugueses o dedicado comandante da prestimosa Corporação local, sr. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo.

Para proceder à entrega daquele valioso galardão, deslocam-se a esta vila categorizados representantes daquela Liga, realizando-se, para esse fim, uma cerimónia que terá lugar na sala nobre dos Paços do Concelho, hoje, pelas 15.30 horas.

A esta cerimónia, que constituirá justíssima homenagem às qualidades pessoais do comandante Luís Figueiredo, à dedicação extrema, zelo e competência com que vem dirigindo há longos anos a Corporação dos Bombeiros Voluntários desta vila, associam-se o sr. dr. António Baptista Coelho, ilustre governador civil de Faro, que presidirá, e os srs. dr. José do Nascimento, presidente da Junta de Província e da Comissão Distrital da União Nacional, Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal desta vila, Pedro Martins Socorro, vice-presidente do Município, D. Narciso Martin Navarro, alcaide de Almonte, representantes de todas as Corporações de Bombeiros do Algarve e muitas outras autoridades civis e militares.

O sr. Luís Cardoso de Figueiredo
(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

JUIZ DE DIREITO

Em substituição do sr. dr. Francisco Nunes Correia, transferido para a comarca de Tondela, por motivo da sua promoção à 2.ª classe, foi colocado na comarca desta vila o juiz de Direito sr. dr. Vitor Manuel Leite Marreiros.

Este jornal apresenta ao novo magistrado cumprimentos de boas vindas.

A NECESSIDADE DE EQUAÇÃO

ENTRE O QUE É HOJE A BIBLIOTECA E O SEU CONCEITO SOCIAL

A BIBLIOTECA pública dos nossos dias evoluiu na realidade muito mais que no conceito que dela tem as gentes. O tempo acabará por confirmar na mente de todos o que é hoje, realmente, a biblioteca. Como esta continua, porém, evoluindo, prevalece sempre o perigo de que nem agora nem dentro de alguns anos se fique conhecendo bem o que ela representa e, portanto,

POR
JOSÉ ANTÓNIO PÉREZ-RIOJA

que se lhe não dê o valor que, indiscutivelmente, tem.

Foi e é virtude exagerada dos bibliotecários espanhóis trabalhar em silêncio, sem propaganda nem exhibições, mas unicamente com toda a abnegação e modestia de uma profissão economicamente pouco lucrativa ainda que prodígia noutras satisfações profissionais e com muitas possibilidades de erudição e investigação. E aqui está como os próprios bibliotecários espanhóis, não revestindo de importância a sua missão e seguindo, muitas vezes, o caminho das humanidades e da erudição, em vez da expansão social das bibliotecas, privaram estas de boa parte do interesse público, tão pouco frequente, acentue-se, nos povos latinos.

Nós os bibliotecários de hoje, não somos diferentes dos nossos antecessores de outros tempos. Continuamos a tradição e formação humanística — base imprescindível para a nossa profissão, — e continua a atrair-nos a erudição e a investigação, embora sintamos mais viva e oportuna esta ansia de cultura e de penetração social das nossas bibliotecas e meçamos

A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

DOS C. T. T. DE FARO

Realizou-se no dia 5 do corrente, na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o concurso para adjudicação da empreitada de construção do edifício destinado aos Correios, Telegrafos e Telefones de Faro, cuja base de licitação, havia sido fixada em 4.071.505\$00.

Foram apresentadas seis propostas, sendo a mais baixa de 5.588.990\$20 e a mais alta de Esc. 4.538.000\$00.

o caminho que ainda nos falta percorrer, sob este aspecto. E, dado que o caminho é longo, procuramos preparar-nos para percorrê-lo com segurança.

Havemos de ser nós os primeiros a estabelecer esse equilíbrio, essa aequação entre biblioteca — tal como é na realidade — e o conceito que dela se tenha. Não esqueceremos o velho ditado: «o bom pano na arca se vende.»

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL

FOI tornada pública a «Estatística Industrial», referente ao ano de 1956, em volume publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, que contém elementos de grande importância para a apreciação de alguns factores da nossa vida económica.

Assim, no capítulo referente à «pesca desembarcada» verifica-se um crescente aumento de rendimento do pescado, nomeadamente o do bacalhau que, no primeiro ano referenciado, era de 17% do total (33 mil contos) e no último atinge 34% (467 mil contos). Desembarcaram no continente 313.364 toneladas de peixe, no valor de 1.361.747 contos e nas ilhas adjacentes 11.550 toneladas, no valor de 33.090 contos.

Das minas foram extraídos entre outros os seguin-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Contos e Gatos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Um ponto de exclamação

Pelo pão que nos faz viver é que a gente, dia a dia, se mata.

Crítica

A seriedade é uma coisa que faz sorrir certas pessoas...

Os distraídos

A quantidade de pessoas que morrem quando, distraidamente, atravessam a linha do comboio! Todos os dias lá vem a notícia no jornal. A gente vai tão absorta que nem repara no monstro de aço que se aproxima. Eu, se pudesse, organizava por todo o país uma campanha contra os distraídos. E mandava distribuir-lhes também, duas refeições diárias.

Crianças

O «Correto» da U. N. E. S. C. O., que todos os meses me remetem, informa que na Inglaterra às crianças das escolas é distribuído um copo de leite. Em Oslo, além de uma garrafa de leite.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

UMA UNIDADE

da esquadra inglesa

visitou Lagos

Em visita de cortesia, esteve em Lagos o «destroyer» britânico que tem o nome daquela histórica cidade algarvia.

O «Lagos» foi recebido com manifestações de muito carinho não só por parte das principais autoridades distritais e concelhias, como, principalmente, por parte da população lacobrigense. Na passada quinta-feira, de manhã, dia em que fundeu naquele porto, estiveram a bordo, a apresentar cumprimentos ao respectivo comandante, os srs. dr. Baptista Coelho, chefe do distrito, comandante Silva Reis capitão do porto, Cascada, presidente da Câmara Municipal de Lagos, eng. Falconer, vice-cônsul de Inglaterra nesta vila, o adido naval junto da Embaixada inglesa em Lisboa e outras entidades, tendo o comandante do «Lagos» retribuído os cumprimentos, na parte da tarde, em Lagos e no Governo Civil, em Faro.

Durante a sua estadia na Baía de Lagos, que se prolongou até ontem, a oficialidade e a tripulação do «destroyer» inglês foram alvo de numerosas atenções, que se traduziram em passeios pelos pontos mais pitorescos do Barlavento algarvio, festas, recepções e outras homenagens.

ESCOLA DE PAIS

POR um instituto pedagógico foi levantada a nobre ideia de criar uma «Escola de Pais», partindo do julgamento que do comportamento destes se faz a educação dos filhos. Realmente, para a criança o pai é Deus, um ser perfeito que não erra e tudo sabe. Por isso, cedo se habitua a copiar-lhe os gestos, a espíar até todos os seus sentimentos. A expansão das suas alavrias, o fundo das suas afeições, reparte-as o menino entre o pai e a mãe — mas é sobretudo o pai que lhe oferece o seu primeiro motivo de orgulho, os seus primeiros caprichos.

Porém, uma instituição pedagógica-social desta envergadura, uma escola para educar pais, afigura-se-nos muito difícil, dados os mil e um problemas que se levantam de permoio. Não se limam ambientes miseráveis, taras atávicas, condições sociais, com conferências ou tratados de pedagogia.

É quem educaria esses pais?

A ciência não chega à alma — e dificilmente acreditamos que uma alma contaminada por um ambiente de degradação moral, de miséria; uma alma que recalcou injúrias aos seus

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

QUADRA

PODIA MANDAR-TE UM BEIJO NUMA CARTA, NEM POSTAL, MAS AMOR, QUANDO TE VEJO, DE BEIJS... POSTO VINAL.

D. R.

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve alguns dias no Algarve, tendo já retirado para Lisboa, acompanhado de sua esposa, filhos e genro, o nosso prezado assinante sr. Domingos de Sousa Uva.

Passando as festividades, esteve acompanhado de sua esposa, em Quinta de Cima, Cacela, o sr. Eng. Sebastião Garcia Ramirez, illustre Deputado pelo Algarve.

Regressou à sua casa de «El Almendro» (Huelva) acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Ortigão Sanches.

Regressou a Lisboa, depois de ter passado o Natal com sua família, o nosso prezado assinante sr. António Adelino da Silva.

A assistir ao funeral de seu tio, esteve na Altura (Castro-Marim) o nosso prezado assinante sr. Manuel Alexandre Faustino.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. João Esteves Sequeira.

Regressou a Santarém, onde vai continuar os estudos, o nosso prezado amigo sr. João Manuel Machado Faisca, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. Lopo Gismão Faisca.

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa, a fim de ser submetido a um tratamento médico, o nosso prezado assinante sr. José Ferreira.

Uma grande iniciativa do CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

O Clube de Cinema de Vila Real de Santo António, que nos seus quase três anos de actividade tem dado largo incremento à causa da cultura cinematográfica desta Vila, quer organizando sessões mensais de cinema escolhido, quer recomendando sessões que pelo seu interesse cine-clubístico o mereçam, vai entrar numa fase que mais contribuirá, certamente, para o desenvolvimento, entre nós, da referida cultura cinematográfica.

A partir de Março próximos (nos dias 14 e 28 deste mês) inicia, por acordo da Empresa do Cine-Foz, o sistema de duas sessões mensais de cinema, sem que o actual preço da cota, 750, sofra qualquer aumento.

Os sócios inscritos até à 25.ª sessão do Cine-Clube, em 24 de Janeiro, estão isentos do pagamento de jóia. Aos que se inscreverem depois daquela sessão, será cobrada a jóia de 2000.

Estão, pois, de parabéns, os associados do nosso Cine-Clube, pois além de terem ensejo de assistir, economicamente, a duas sessões cinematográficas de elevado nível, ainda beneficiam, por deferência da empresa do cinema local, do desconto de 1000 nos bilhetes da plateia, nas sessões normais do mesmo cinema que o Cine-Clube recomenda.

A direcção do Cine-Clube agradece a colaboração dos sócios, no sentido da rápida angariação de novos sócios, para que as duas sessões mensais possam manter-se e a acção cultural daquele, seja em breve ampliada com a realização periódica de sessões especiais de cinema para crianças.

Os pedidos de inscrição de novos associados devem ser feitos na secretaria do Cine-Clube, edificio do Glória F. C., às segundas, quartas, sextas e sábados, a partir das 21,30.

PREZADO ASSINANTE

O seu auxilio ao nosso jornal será valiosissimo, se nos indicar um novo assinante!

Cantores Populares VIRGÍNIO DA BRETANHA

VIRGÍNIO da Bretanha — como vulgarmente é conhecido — é um dos mais conhecidos aqui em S. Miguel.

Atarracado, cara redonda, olhos pequeninos, a perscrutarem, talvez, o pensamento dos seus antagonistas, durante as cantorias ao desafio, 49 anos já feitos, embora aparentando um pouco mais — Manuel Virgínio da Ponte, teria, talvez, os seus 16 anos, quando começou a ser atraído pela Musa poética.

Desde então, tem tomado parte em muitas cantorias, tanto aqui na Ilha com cantadores famosos, como o Barbeiro, Furtado (já falecidos), Gabriel dos Arrifes, João Plácido, da Lombinha da Maia, etc., como na vizinha Ilha da Terceira, com o Tenrinho (falecido), Trulu — pseudónimo de Maria Angelina de Sousa — Charrua, Caneta, Ferreira, etc..

A convite foi algumas vezes à America cantar para os portugueses em toda a Nova Inglaterra, e em quase todas as cidades da Califórnia.

Certa vez, quando na sua freguesia se fez uma petição pública, com a pároco a frente do cortejo, a favor da Igreja local, junto a determinada casa estava um bando de galinhas, cuja dona se negara a oferecer uma delas, alegando não serem suas.

Então, o Virgínio, ao som de violas da terra, atirou ao ar a seguinte quadra, enquanto apontava a um dos homens:

Apanha aquela galinha, seja preta ou amarela, a ver se alguma vizinha se queixa com a falta dela.

Duma das vezes que esteve na America a cantar ao desafio com o Charrua — que da Terceira também tinha sido convidado para tal — ripostou-lhe desta maneira, depois de Charrua se ter gabado que os terceirenses eram os melhores, mas que, na verdade, ele não tinha agradado aos americanos:

Tu foste quem me disseste: — Anda p'ra cá, que vais ver. Chegaste, nada fizeste, nem me deixaste fazer.

Em muitas das suas cantorias ao desafio, Virgínio era acompanhado à guitarra pelo Rasquinha, exímio artista de eterna memória.

Dias após a sua morte, Virgínio da Ponte, disse-nos a seguinte quadra:

Já morreu o João Furtado e o Rasquinha, guitarrista. Agora eu estou convidado p'ra ir à primeira vista.

Eis aqui um breve perfil dum dos mais conhecidos cantores populares na Ilha de S. Miguel — Manuel Virgínio da Ponte.

Ilha de S. Miguel. Maria Leonilde

Lá fora, na rua

Manhã de inferno. A água gelou no lavatório. Olho os vidros da janela, cobertos de geada. O frio neutraliza-me, Sinto-me infeliz. Mas, que é isto? Alguém assobia, alegremente. Uma canção em moda na rádio. Lá fora, na rua. Levanto-me e chego à janela. Por detrás dos vidros, claro. É o varredor da Câmara. Uma habitazinha aconchegada no pescoço — e é tudo. Sandálias, sem meias. As mãos que trabalham a vassoura estão golpeadas pelo frio. Mas o nosso amigo assobia. Ah, ele sabe. Ele sabe. Sabe que isto agora são rosas comparado como antigamente, há uns séculos. Sabe. E eu também, afinal. Procuo acompanhá-lo com o assobio manhoso que aprendi no liceu, mas já não sei como é. Paciência. Ele assobia por mim.

Maria Manuel Nunes

Visado pela Comissão de Censura

BARCO

Vende-se uma embarcação com 10,70 comp. Boca 3,25, Pontal 1,14 — com apetrechos de pesca do alto, servindo também para enviada, equipada com motor Bolinder's 50 HP: com 2 anos de serviço e aparelho de rádio.

Informa: José de Oliveira Rocha Rua da Boa Vista — FUZETA

Conta Gotas

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te, as crianças recebem gratuitamente pão, doce, e fruta. Em muitos outros países acontece o mesmo. Não vi lá referências a Portugal o que é lastimável, pois isso pode levar os estrangeiros a concluir que nós não temos crianças o que é falso...

Uma senhora forte

Os pobres, como eu, descobrem-se subitamente ricos de momentos bons. Ontem, por exemplo, entrei numa livraria que tem, ao mesmo tempo, serviço de discoteca. Entrei e não fui por causa dos livros. Foi porque da rua ouvi os acordes do concerto N.º 5 de Beethoven. Sentei-me no banquinho que o empregado metrouxe. Sentei-me com as mãos cruzadas no regaço. Menininha de escola extasiada.

— Maravilhoso, maravilhoso! — ouvi atrás de mim.

Voltei-me. Era uma senhora forte, toda de preto, com um medalhão ao pescoço. No medalhão havia o retrato de um homem forte, ainda novo, com uns olhos muito doces.

— Gosta de Beethoven? — perguntei.

— Oh! — e sem uma palavra começa a resar balzinho, acompanhando, nos mínimos pormenores, o canto heróico do piano. Cheguei-me para a extremidade do banco.

— Sente-se aqui — disse-lhe. Não queria. Mas o concerto é longo, ela era uma senhora pesada. Acabou por aceitar. Dificil, claro. Tive de passar-lhe o braço em volta da cintura para nos equilibrarmos. E assim permanecemos todo o tempo, abraçadas, adoradoras do fogo, do fogo sagrado. Eu muito infeliz a pensar, que as senhoras fortes só ouviam folhetins parvinhos!

É aqui está como os pobrezinhos descobrem, subitamente, que são ricos.

Abastecimento de água

Em tempo foi-nos dito que no início deste ano agora iniciado, seria enfrentado pela nossa Câmara tão grave problema, e que julgamos sem favor, ser aquele que depende o desenvolvimento desta laboriosa povoação e o seu melhor estado de sanidade. Efectivamente, quando em outros concelhos, este assunto tem merecido apoio aqui continuamos aguardar o tempo que estará previsto.

Neste importante grito estamos connosco todas as freguesias, sabendo-se que a nossa única praia de banhos — Armação de Pera — tem o seu futuro turístico no seu mais precioso desenvolvimento, dependente do seu abastecimento de água, e já prometido, e creio até já incluído nos melhoramentos a iniciar pela Câmara neste ano.

Esperamos, mas que não demore. — c.

PROVINCIA

ALGÔS

Edificio da Escola

Como já se disse foi julgado incapaz o edificio escolar, e as aulas distribuídas por diversos departamentos cedidos. Temos registado e com profundo desgosto que funcionam as aulas em precárias circunstâncias, de instalações higiénicas, colocando em grave perigo a saúde dos seus dignos e zelosos professores, como alunos. De igual ou, de sanitárias, nada existem.

Por tudo, se pedem imediatas providências e cremos não sejam desnecessárias a bem dos que tanto precisam.

Abastecimento de água

Em tempo foi-nos dito que no início deste ano agora iniciado, seria enfrentado pela nossa Câmara tão grave problema, e que julgamos sem favor, ser aquele que depende o desenvolvimento desta laboriosa povoação e o seu melhor estado de sanidade. Efectivamente, quando em outros concelhos, este assunto tem merecido apoio aqui continuamos aguardar o tempo que estará previsto.

Neste importante grito estamos connosco todas as freguesias, sabendo-se que a nossa única praia de banhos — Armação de Pera — tem o seu futuro turístico no seu mais precioso desenvolvimento, dependente do seu abastecimento de água, e já prometido, e creio até já incluído nos melhoramentos a iniciar pela Câmara neste ano.

Esperamos, mas que não demore. — c.

ALCOUTIM

Espera esta vila que a electrificação seja um facto dentro de pouco tempo. E que ela se espalhe a tudo o concelho. Espera também a distribuição de água tão necessária dada a sua escassez e, sobretudo, a sua precária salubridade.

Depois serão os esgotos que a livrarão do aspecto de pouca limpeza que tem, circundada por estrumeiras.

Não esmoreçamos e melhores dias virão.

Noticias

Já retiraram os estudantes e outras pessoas que vieram passar com suas famílias a quadra festiva do Natal e Ano Novo.

Sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica foi a Tavira acompanhada de suas irmãs e marido sr. Leopoldo Vicente Martins, gerente da F. N. P. neste concelho, a sr.ª D. Berta Cunha Martins.

Também se encontra internado num hospital de Lisboa, a fim de ser submetido a uma operação cirúrgica, o sr. Manuel Silvestre Júnior, proprietário em Cortes Peireiras.

Encontram-se gravemente enfermas nesta vila as sr.ªs D. Gertrudes Peres Marques e D. Emilia Horta Canelas.

Faleceu nesta vila a sr.ª D. Mariana Afonso Serafim, viúva, mãe do saudoso Manuel Serafim.

Em Marmeleiro, desta freguesia, faleceu o proprietário sr. António Pereira.

PERDEU-SE

Um brinco em ouro, no formato de uma flor. Pedese a quem o encontrou o favor de entregar nesta Redacção, gratifica-se.

As mais lindas Rosas de Portugal

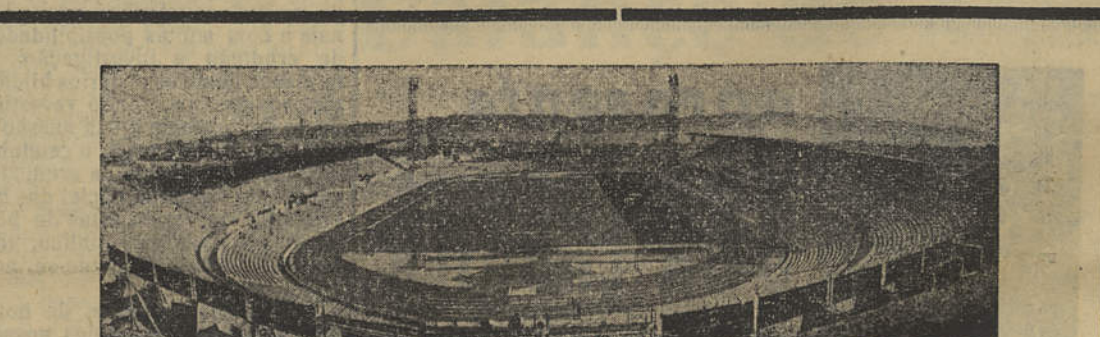
As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques. Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis. Mostra da Silva & F.ª L.ª

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

ENVIADA

VENDE-SE. EQUIPADA COM MOTOR «DEUTZ» DE 36/40 H. P. PORÃO AMPLO. COMPRIMENTO 12,50 metros. Tratar na rua D. Carlos I, 14-A PORTIMÃO



Vista do Estádio do Restelo do Club Futebol «Os Belenenses» Esta magnifica obra foi pintada com SILEXORE Justamente porque, junto ao mar, precisava de ser protegida da acção salina SILEXORE E' uma pintura petrificante, impermeável, ininflamável e decorativa. 10 anos de garantia torna-a Económica como nenhuma DISTRIBUIDOR GERAL V. T. MARTINS Rua da Prata 59, 3.º Esq. — Telef. 23690-25721 — LISBOA

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Janeiro: TRINEIRAS Rajada 390\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Janeiro:

Entrados: STARLING. Inglês, de 1.356 ton., de Cadiz, com carga em trânsito. TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. MIRA TERRA, de 562 ton., ZE' MANEL, de 926 ton., MARIA CRISTINA, de 546 ton., e MIRA TERRA, de 562 ton., de Lisboa, todos vazios.

Saídos: STARLING, para Dublin, com alfarroba. RIMBERG, para Roterdão, com minério. TERCEIRENSE, para Angra do Heroísmo, com sal. MIRA TERRA, ZE' MANEL, e MARIA CRISTINA, todos para Lisboa com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Janeiro a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone, 64.

CALENDÁRIOS

Têm chegado à nossa Redacção, artísticos calendários, enviados por — «MABOR»; Transportes Aéreos Portugueses; TWA; e do nosso prezado anunciante sr. V. T. Martins. A todos o «Noticias do Algarve» agradece a gentileza.

PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C.ª Vila Nova de Gaia

Rafael Almeida Santos R. DIogo CAO, 20 - EVORA Trato de toda a documentação para AUTONOVES, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS

CINE-FOZ

Hoje, A HISTÓRIA DE BENNY GOODMAN, com Steve Allen e Dona Reed. Um espectáculo musical com a mais famosa orquestra dos Estados Unidos.

Terça-Feira, OS TRAPEIROS DE EMAÚZ.

Quinta-Feira, ENTRE MULHERES, com Curds Jurgens e Maria Schell.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12 —



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Farense, 1 - Portimonense, 1

Iam decorridos trinta e oito minutos, quando Vinagre, com um «bicanço», abriu o activo a favor dos visitantes.

No segundo tempo, aos dezoito minutos, Alexandrino aproveitando bem um passe de Camarinha fez, à boca das redes, o golo do empate.

A partida principiou, praticamente, com o Farense ao ataque. No entanto, o estado do terreno dificultava a acção de ambas as equipas.

Assim mesmo os donos da casa jogando com muita vontade e pondo na luta grande energia, assediavam perigosamente, sempre que lhes era possível, a baliza de Isaurindo.

Mais pesados, os farenenses mostravam-se, contudo, sempre mais perigosos porquanto o seu jogo, prático, com passes largos para os extremos, surpreendia a defesa dos locais e obrigava-a a passar por momentos difíceis.

Apesar disso, a partida pôde manter-se equilibrada, alternando-se as duas equipas no comando do jogo.

Na segunda parte, assistiu-se ao maior domínio dos forasteiros.

Alardeando então, melhor fio de jogo e maior pujança física, os homens do Sporting puderam conduzir as operações, de maneira a criarem algumas oportunidades de golo, só não concretizadas pela manifesta apatia dos seus avançados.

Houve, no entanto, uma forte reacção do «team» visitado, ao entrar-se no segundo quarto de hora precisamente, após o empate.

A partir dessa altura, o encontro ganhou maior emoção, mais combatividade, maior vibração. Autêntico jogo de campeonato, em que as duas equipas procuravam fugir ao nulo e alcançar mais um tento. Estiveram os locais à beira de o conseguir; quando Camarinha, de cabeça levou a bola a rasar a trave. Nos obstante, o Farense esteve mais perto do triunfo.

Na derradeiros minutos do desafio, instados pelos seus adeptos os portimonenses jogaram tudo por

tudo, mas a desefa visitante comportou-se com bravura e pôde manter o empate.

Olhanense, 2 - Atlético, 2

Esta foi uma partida que parecia fácil, levando em conta a vitória dos locais no campo do adversário na primeira volta. Quem no entanto se guiar somente pelo resultado não poderá fazer ideia do que se passou no rectângulo do estádio Padinha.

Não vamos ao ponto de afirmar que a vitória do Olhanense devesse ser substancial, mas daí até ao empate vai um abismo.

Não há dúvida de que os locais estão, no enquadro, a ser vítimas do que lhes apontamos desde o início da época: muito ao ataque, mas muita confusão.

Quase todo o jogo se desenrolou na parte pertencente ao Atlético, que ficou a dever o empate à maneira porfiada como agiu na defesa.

No primeiro tempo as avançadas dos lisboetas perdiam-se em contínuos «fora de jogo», de Machado e Martins. O resto da equipa com excepção de Legas, esteve na defesa.

No segundo tempo surpreenderam os locais com o tento obtido no primeiro minuto e a reacção destes, em porfiados contra-ataques, não se fez esperar.

Obtido o golo dos locais, passou novamente toda a equipa para a defensiva, que mais se acentuou depois de registado o segundo golo, mas contra a corrente do jogo, os lisboetas empataram novamente.

Ao Olhanense faltou sorte e consistência na linha atacante, com Parra jogando recuado contra uma defesa atenta.

Outros resultados

- Montijo, 5 - Coruchense, 0
- Almada, 0 - Juventude, 0
- Serpa, 0 - Montemor, 1
- Estoril, 0 - Beja, 0

A NECESSIDADE DE EQUAÇÃO

ENTRE O QUE É HOJE A BIBLIOTECA E O SEU CONCEITO SOCIAL

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

rém o mais perfeito funcionamento das nossas bibliotecas, a sua evidente utilidade, o seu rendimento, a extensão cultural dos seus serviços e a acertada selecção dos seus fundos—e aqui existe o bom pano — haveremos de juntar, enquando de nós dependa, uma maior difusão do que é a biblioteca e do que ela significa na educação e na vida dos povos.

«Graças a este papel activo e positivo das bibliotecas modernas —dize Collijn, nos «Actos do II Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia» —adquiriram o direito de não serem consideradas nem tratadas como instituições negativas e paradas, como o foram as bibliotecas de outros tempos». E, como bibliotecário da nossa época, o mesmo Collijn adverte:

«Consequência lógica e natural deste novo género de relação entre a biblioteca e a sociedade é que nós exijamos que não sejam tratados como representantes de um luxo de erudição, de uma instituição pouco menos do que supérflua, mas sim como em contacto permanente com a realidade da vida».

E' tempo já de propagar, por todos os meios ao nosso alcance, que, pelo seu carácter de instituição pública e gratuita de cultura,

Classificação	
FARENSE	28 pontos
Olhanense	24 »
Juventude	23 »
Montijo	22 »
F. C. Serpa	22 »
Portimonense	21 »
Atlético	19 »
Desportivo de Beja	19 »
Arroios	18 »
Coruchense	15 »
Estoril	11 »
Almada	11 »
Portalegrense	10 »
Montemor	7 »

Jogos para hoje

Beja-Montijo; Coruchense-Olhanense; Atlético-Almada; Juventude-Serpa; Montemor-Portimonense; Farense-Arroios e Portalegrense-Estoril.

aberta a todos, corresponde à biblioteca uma reputação social superior à que hoje se lhe concede; é tempo também de difundir a ideia de que a manutenção de uma extensa sede bibliotecária nacional que mantenha e fomenta, com carácter de serviço público, os meios de leitura, estudo e documentação gratuitos para todos os cidadãos, é algo tão importante, tão necessário e útil à sociedade como podem sê-lo as vias férreas, as estradas, as pontes ou os arruamentos. E' preciso convencer todos de que a biblioteca pública é uma necessidade social, e que qualquer investimento que se faça na sua manutenção representa um valor económico, já que o dinheiro empregado nesta instituição que enriquece e dignifica a vida do povo, a este volta centuplicado, no bem estar, na cultura e no progresso. Assim o compreendem nos Estados Unidos, «centenas, milhares de cidades estabeleceram impostos para esse fim e fazem-no com o mesmo deliberado e inteligente sentimento com que colectam a fortuna pública para obter os benefícios da electricidade ou da hygiene —diz E. Nelson e acrescenta: «Precisamente a tarefa da biblioteca pública é convencer o povo de que a instituição é sua; de que essa entidade foi, necessariamente chamada a ocupar um lugar importante nas transacções dos homens como centro organizador de informações, cooperador das instituições de cultura e como factor activo da tendência humana para melhorar o existente, que se traduz, neste caso, no esforço para divulgar os melhores livros e elevar o nível da nossa comunidade».

Não há sector algum da população de qualquer cidade, vila ou aldeia — seja qual for a idade, sexo, profissão, nível social ou económico, etc. — ao qual a biblioteca não possa ou deva alcançar. A criança, o jovem, o adulto, o comerciante e o industrial, o estudante e operário, o homem de posição e o homem modesto encontram sempre na biblioteca pública os meios suficientes de informação, de ensino, de investigação, de orientação e de recreio.

Neste sentido, as possibilidades da biblioteca como instituição, são superiores a qualquer outra instituição cultural. Por isso, diz J. Periam Danton em «A Formação profissional do Bibliotecário» que «a biblioteca moderna está em situação excepcional para dar a esta causa uma contribuição vital, pois tem capacidade como nenhuma outra instituição para oferecer aos cidadãos informação completa e imparcial. O papel da biblioteca adquire assim um significado de primeira ordem neste particular momento que o mundo vive». A eficiência e a actividade desenvolvidas por cada biblioteca é, sem dúvida, a sua melhor propaganda; logo, como complemento difusor da sua actividade, o emprego acertado de diversos elementos (imprensa, rádio, cinema publicações de «memórias», «guias do leitor», catálogos de fundos, exposições bibliográficas, «semanas ou dias da biblioteca», «festas do livro», concursos, etc.), assim como o fomento de actividades de extensão cultural (horas infantis, leituras comentadas, conferências, concertos, exposições diversas, teatro e cinema educativos, etc.). Porque a biblioteca pública dos nossos dias não deve conformar-se somente em possuir uma selecta e extensa colecção de livros, nem uma perfeita organização, mas também oferecer ao leitor um ambiente tão grato ou mais do que o seu próprio lar e proporcionar-lhe, uma vez por outra, actividades culturais variadas.

O «café», a taberna, o teatro, o cinema, a rádio, o baile, o excursionismo e os desportos, assim como toda a classe de espectáculos, são hoje, mais do que nunca, os competidores — às vezes, até, os inimigos — da biblioteca. Daqui ressalta a necessidade de que esta se apresente cada vez mais útil e, ao mesmo tempo, mais atractiva. Tal é a missão da biblioteca actual, «As carreiras ou profissões são tipos de ocupação humana que, pelos vistos, a sociedade necessita. E uma destas é, desde há séculos, o bibliotecário», disse Ortega e Gasset. Que a nossa missão — deligenciemos nós — se enriqueça cada vez mais de

Novo Edifício dos Correios EM LAGOA

No passado domingo, em Lagoa, com a assistência dos srs. governador civil do Distrito, bispo da Diocese e correio-mór e demais autoridades, foi inaugurado, com toda a solenidade, um excelente edificio, mandado construir pela Administração Geral dos C. T. T., para a instalação da estação dos Correios.

O edificio dos C. T. T., que era uma antiga e justa aspiração do povo de Lagoa, fica situado no Largo de Alves Roçadas.

Finda a cerimónia, a Câmara Municipal a que preside o sr. Arq.º Ramiro Laranjo, ofereceu nos Paços do Concelho um «Porto de Honra» em que se trocaram amistosos brindes.

QUEM AVISA...

Informamos os nossos leitores, que para o presente ano são necessárias as seguintes licenças e pagar os seguintes impostos:

Impostos de Turismo — até ao dia 31 de Janeiro e mais 60 dias de juros de móra. Licenças policiais (de porta aberta) até ao dia 14 de Janeiro; Licenças de Toldos, anuncios e reclames diversos — até ao dia 31 de Janeiro e mais 15 dias com juros de móra. Licenças para bombas abastecedoras de gasolina, gazoil, ar — até ao dia 31 de Janeiro e mais 15 dias com juros de móra.

Assina e propague «Noticias do Algarve»

conteúdo social. E que prossigamos, ao mesmo tempo, conservando a harmoniosa tendência espiritual que nos legaram os livros do passado e dosificando — como higienistas das mentes de hoje — os tesouros de ideias e investigações que continuam chegando nos livros actuais.

A necessidade e a utilidade presente e futura da biblioteca depende de nós, os bibliotecários; o seu progresso, do conceito que nós tenhamos dela. Procuremos, pois, uma equação rápida e perfeita entre a coisa e o conceito: entre a realidade da biblioteca pública actual e a ideia que deve ter-se dela.

Tradução de:

José dos Santos Marques

FABRICA ELÉCTRICA E MECÂNICA DE CORDOARIA

IMPORTADORES

EXPORTADORES

Quintas & Quintas

Rua Patrão Sérgio, 49 — End. Teleg: «CORDAS» — Telef. 11 — PÓVOA DE VARZIM

Filiais: Fábrica de Cordoaria LEIXÕES — Telef. 382 LEÇA DA PALMEIRA e POÇA DA BARCA — VILA DO CONDE

SECÇÃO COMERCIAL

RUA CONDE S. SALVADOR, 106 — Telefones, 221 e 1015 — End. Teleg. — CORDAS — MATOSINHOS

DEPÓSITOS

MATOSINHOS — FIGUEIRA DA FOZ — LISBOA — OLHÃO

Agente Depositário em Portimão: Centro Algarvio do Comércio, Lda.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

para a manufactura de: Cabos e Fios de Sisal, Linho, Algodão, Cairo, Linhas de Algodão e Linho

CABOS DE AÇO E CABOS DE ALUMINIO-AÇO — CABOS DE COBRE ELECTROLITICOS

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

CULTURA E ERUDIÇÃO

A verdadeira cultura é cabeça bem feita, e não cabeça bem cheia. É organização, e não, sobreposição de conhecimentos. É curiosidade aberta, é voluptuosidade de pensar por conta própria, é preferir o erro original à verdade copiada. O que não for isso é erudição que esmaga o espírito. A cultura, em vez de ajojar o espírito, dá-lhe asas.

CHEGAMOS MUITO TARDE...

Chegámos muito tarde a um mundo muito velho, para que possamos ter a prosunção de absolutamente originais. Há sempre uma grande dificuldade em sabermos dizer o que é nosso e o que não nos pertence, onde termina o que criámos e onde principia o que recebemos. Em muitos casos, estávamos ingenuamente supondo que produzíamos uma ideia original, e eis senão quando deparamos com ela em autor mais antigo do que permite a força humana. E lá se nos vai a presunção água abaixo... Quando muito, o mais que cada um de nós poderá conseguir é redizer, de modo novo, uma ideia de cabelos brancos.

TEMPO DEPURADOR

Uma boa obra apresenta-se por si, dispensa procuração. Uma obra mediocre afunda-se por si, dispensa que a façam naufragar. As tubas da publicidade não conseguem (ou só o conseguem efêmeramente) dar vida a um livro nado-morto, ou que nasceu de compleição precária. E as campanhas de silêncio, feitas à volta de uma boa obra, não conseguem (ou só por algum tempo o podem conseguir) abafá-la. O tempo é galantíssimo e acabará por fazer justiça às obras dos homens, pondo-as no devido lugar, descendo as que indevidamente foram subidas, subindo as que indolentemente foram descidas. Está escrito que a mediocridade desça e o que o génio suba. Se não for hoje, será amanhã. Mas há-de ser. O tempo é o grande e infalível depurador.

PÚBLICO, CRIANÇA GRANDE

O público é uma criança grande. Se lhe badalarem, diariamente, que uma obra mediocre é a fina flor do génio, acabará por acreditar que a obra leva um lindo manto, embora, como o rei da fábula, siga em... ceroulas. Como criança ingénua que é, o comum dos leitores acredita, em tudo que é apresentado como o ratapan da teatralidade. Os autores mediocres sabem desse pormenor de psicologia e, então, para puzarem o público aos seus alfinetes enferrujados, douram-nos com os louvores mais extraordinários, de modo que, durante algum tempo, meto-mundo lhos compra. Só depois se verifica o logro.

O êxito dum obra mediocre é sempre artificial. E o que é artificial é efêmero. A mediocridade será fatalmente atrada para a vala comum do esquecimento. Tão certo como 2 e 2 serem 4.

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Aquilo que venho dizer aos meus fiéis leitores nestas colunas é aquilo, precisamente, que a todas preocupa. Homem do povo, como sou, só para o povo sei escrever. Os problemas dele são os meus próprios e, portanto, estão dentro da nossa mútua compreensão e podem constituir a essência de um diálogo que entre nós se trava semanalmente.

Já vai longe o tempo das torres de marfim. Agora só há câmaras de compressão para os vãos estratosféricos ou interplanetários. Tudo o mais é do domínio do homem da rua. Graças às comunicações que tornaram fácil a difusão das notícias podemos hoje dialogar com qualquer pessoa — longe ou perto que esteja, falando ou escrevendo a mesma língua ou qualquer outra — transmitir-lhe os nossos anseios, as nossas preocupações ou dar-lhe, simplesmente, um pouco do nosso afecto ou de nós mesmos. Tive também imenso pra-

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO V N.º 240
DOMINGO
12 - Janeiro - 1958
Director
João A. Dias Pena
Editor e Proprietário
Armando R. Cruz



ALANDO há já alguns dias com

vários amigos que frequentam certo «café» de Lisboa, trocámos impressões sobre Vila Real de St.º António, porque muitos deles tinham ido passar este último verão à Praia de Monte Gordo. Outra coisa não era de esperar: terra acolhedora e encantadora, gente sã e boa, e até as oportunas «Crónicas Irrequietas» (que é feito delas?) não escaparam nesta conversa amena entre o fumo dos cigarros e um gole de café bem aromático. E foi quando um dos presentes afirmou que «andava um senhor sempre a pau com os ditos e mexerico das meninas — bem para as desmascarar nas supracitadas crónicas» e, sobretudo, «na parte — namorica — era o fim do mundo».

Rimo-nos, com aquela exuberância que caracteriza a juventude (juventude sem rock nem futebolismo) quando se reúne a uma mesa de «café», e dissertámos sobre a já afamada «caça» ao homem (mais certo: ao miliciano) aquartelado em qualquer localidade do País. Ora, não vou, agora, bater na mesma tecla que foi já batida (e muito bem) pelas «Irrequietas»; todavia, tive oportunidade de verificar que, muito embora numa curta passagem pelo Algarve, a psicologia dessas meninas — bem é deveras interessante e digna de ser analisada.

Os da cidade, aqueles rapazes com pretensões a «galãs» das fitas, não são mais, nem têm mais qualidades do que os rapazes algarvios. Preferi-los, lá porque têm mais chumaços no casaco, mais brilhantina no cabelo ou mais mairas para falar com as meninas — não passa de um equívoco estampado nos olhos das que se iludem com esse aparato. Eles vão passar as férias ao Algarve depois de um ano de trabalho (os que trabalham, claro); levam mais uns tostões no bolso, mais um par de calças, duas camisas-sport e, em muitos casos, um automóvel. Este automóvel, pode ser dele, pode ser emprestado ou alugado. O automóvel, tanto na cidade como na vila e em qualquer localidade aonde hajam dois olhos a espreitar e uma cortina para tapar o rosto — é o melhor cartão de visita. Conduzir um «espada» ou um calhambeque pelas artérias bem movimentadas... causa sensação nesses tão iludidos corações que pulsam a compasso.

Contudo, a jovem algarvia tem um defeito: é confiada de mais. Deixa-se iludir por estes chiquismos e estas personalidades balofas, e é pena. E' pena porque o rapaz da cidade é gabarola; con-

ta e aumenta a seu belo prazer uma minúscula aventura com carácter passional, e a reputação dessa rapariga, ante quaisquer pretendentes locais, fica deturpada.

Outro defeito: é boa camarada, expansiva, quando trava conhecimento com um «menino-bem» da cidade; após um ano, quando ele lá volta e lá porque ela já namora, não lhe fala porque parece mal. E' certo. Tudo lhe parece mal, desde o falar a sós com um rapaz no meio de uma rua como o de lhe apertar a mão (as outras «podem julgar» que já se namoram...). Se o da cidade acompanha com qualquer rapaz da terra (este com má reputação no núcleo feminino) porque é monótono andar só numa terra para ele desconhecida — esse veraneante não tem já aquela popularidade nos corações das meninas. Porquê?

Podem crer, meninas bem ou não, que nós todos somos iguais, com mais chumaço ou menos brilhantina, com melhores sentimentos ou menos personalidade, naturais da cidade, da vila ou da povoação, nós todos somos homens — e não o cavaleiro encantado ou o loiro Marais das fitas francesas, que perfuram os corações com palavras medidas a régua e a esquadro...

Esta vida citadina, é igual à de todos. Talvez mais agitada e exaustiva, é certo, mas os da cidade não «namam» num mar de rosas nem passeiam todos os dias úteis de automóvel. Trabalham e lutam neste dia a dia, como o pescador noite a noite no mar encapelado, para ganharem ambos o pão de cada dia.

Interpretar um aspecto varonil como apanágio para uma vida melhor ou uma manha de cabecinha no ombro sem pagar a renda da casa — perdõem, meninas que acreditais nos da cidade, mas isso não passa da história da Caróchinha...

Emilio Valongo

Portugal, um País ideal

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

recorda-se a sua visita oficial à Inglaterra em Outubro de 1955 e a retribuição dessa visita, pela Rainha Isabel, em Fevereiro último.

As folhas centrais da revista, igualmente dedicadas a Portugal, são primorosamente ilustradas, a cores. A abrir, o Presépio de Machado de Castro, «obra-prima da escultura portuguesa do século XVIII, viva expressão do espírito do Natal».

Sob o título geral «Primos de Arquitectura num país de encantos», o «Ilustrated» publica uma série colorida de castelos, de palácios, de monumentos portugueses: O Castelo da Pena e as chaminés características do Paço de Sintra, emoldurados no arvoredo centenário; O'bidos e o seu castelo; a Torre de Belém e os Jerónimos, «um dos mais belos e interessantes monumentos portugueses»; os «jardins maravilhosos de Queluz»; o Palácio de Belém, «residência oficial do Presidente da República»; o castelo de Leiria, sobranceiro à cidade — e ainda uma série de fotografias da fauna do mar na costa portuguesa e do «colorido incomparável das vindimas nas encostas que dominam o Rio Douro».

Depois de um artigo profusamente ilustrado, sobre «Portugal — o centro mundial da produção de cortiça, nas fábricas e na floresta», duas páginas de gravuras apresentam aspectos «do

ESCOLA DE PAIS "SAGRES" UM TEMA SEMPRE OPORTUNO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

réditos de pessoa humana, agüente uns minutos dessa nobre pedagogia. Acreditamos, sim, que para educar pais, se torna necessário primeiro educar homens, entregando-lhes uma base moral sólida, sem subterfúgios, nem inferioridades.

Ocorre-nos esta pergunta: será às necessidades da sociedade que é preciso satisfazer, ou às necessidades da pessoa humana, entre elas a social? Claro que a educação dos pais engloba ambas.

Sem dúvida que há factores psíquicos indeligiáveis da determinante social que uma escola de função pedagógica tão generosamente pensada poderia elaborar e corrigir sob a sua influência e determinação.

O aperfeiçoamento de uma individualidade terá de coincidir com uma sociabilidade maior se a educação for dirigida para o caminho desejado. Todavia, criar as condições devidas até tornar possível essa educação, eis o que se nos afigura de maior acuidade.

Não obstante, que venha e frutifique essa «Escola de pais». De que valeria viver se não tentássemos corrigir erros, vencer preconceitos, alargar ideias? Na missão em que cada qual se esforce por alcançar o melhor, estará sempre um pouco de bom. Que o Instituto triunfe e consiga criar pais bons, são de alma e exemplares — que bem precisamos anda o mundo deles.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mistérios do Oceano.»

Esta opinião de Julião Quintinha corresponde, evidentemente, à opinião de todos os algarvios, e, tam-

O Comandante Luís Figueiredo é homenageado esta tarde

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

redo, que, além de mais de trinta anos consecutivos ao serviço dos nossos Voluntários, como seu devotado comandante, tem, por diversas, vezes exercido, entre nós, funções públicas da maior responsabilidade, e, entre elas, as de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal, sempre com o maior apuro moral e espírito de bem servir, gosa, muito justamente, em Vila Real de Santo António, de geral respeito e simpatia. Por este facto, é de esperar que toda a população do concelho se associe à homenagem que lhe é prestada esta tarde, traduzindo, com a sua presença, os naturais sentimentos de gratidão por quem, com sacrifício, tantas vezes, da sua vida e dos seus interesses, tem sabido realizar obra valiosa na nossa corporação de bombeiros.

Este jornal associa-se, também, a esta merecidíssima homenagem, manifestando, desde já, ao sr. comandante Luís Figueiredo, nosso querido e velho amigo, o nosso sincero apreço.

COMPARTICIPAÇÕES PARA O ALGARVE

O sr. Ministro das Obras Públicas, através do Fundo do Desemprego, concedeu ao nosso distrito as seguintes comparticipações (reforços): à direcção da F. N. A. T., para adaptação do seu edifício, na praia de Albufeira, a Colónia de Férias dos Trabalhadores, 99.800\$00; à Câmara Municipal de Alcoutim, para a construção de um cemitério na freguesia de Martilongo, 1.700\$00; à Misericórdia de Olhão, para construção do Centro de Assistência Social Polivalente, 50.000\$00; à Junta de Turismo de Armação de Pera para a construção do edifício sede, 103.000\$00.

A Câmara Municipal de Faro, 4.000 contos, para o resgate da concessão de distribuição de energia eléctrica ao concelho e obras de remodelação e ampliação da rede existente.

As Câmaras Municipais de: Alportel, para reparação da estrada municipal de Tavira a S. Brás de Alportel — 1.ª fase trabalhos adicionais, 25 000\$00; Loulé, para reparação da estrada municipal de Fonte Coberta e Almarcil — 2.ª fase — trabalhos adicionais, 41.000\$00; Monchique, para reparação de vários caminhos — 5.ª fase — trabalhos adicionais, 46.000\$00; e Silves, para reparação do caminho municipal entre S. Bartolomeu de Messines e a estação de caminho de ferro — fase única — trabalhos adicionais, 2.050\$00.

bém — não será audacioso afirmá-lo —, a uma grande parte dos portugueses que conhecem a nossa História dos Descobrimentos — nos quais não incluímos, como é óbvio, aqueles para quem Portugal não vai muito além das «fronteiras» da Havelzeza de Chiado...

E, em contraposição a sugestões e alvitres, aliás deploráveis, que têm «florescido» aqui e além, em letra de forma, Julião Quintinha acrescenta, e muito bem:

«Há hoje uma tendência para sobrecarregar os grandes centros populacionais já congestionados de melhoramentos de toda a espécie, com novas realizações. Mais aconselhável nos parece uma distribuição equitativa de obras que valorizassem diversas regiões, sobretudo quando fortes razões o justificassem.

Está neste caso o Algarve. Além das fortes razões históricas que justificam a construção do monumento em Sagres, tal realização daria maior e devida projecção turística ao Algarve, que possui todas as condições e encantos naturais para turismo, mas tem sido esquecido quanto ao apetrechamento indispensável.

De qualquer modo, o monumento em Sagres não ficaria escondido ou isolado nessa esquina ocidental da Europa bem conhecida dos navegadores, cientistas e estudiosos. Ao largo, por ali passam, à vista do Promontório, milhares de navios. Por terra, não há dia nenhum que não passem visitantes em Sagres, sendo aos milhares, na roda do ano, e entre estes muitos estrangeiros.

Depois, além do que se deve ao Algarve, nos diversos aspectos da sua participação nos Descobrimentos Marítimos, devemos pensar que tudo quanto se fizer em Sagres (mesmo com referência ao seu custo) tem um cunho de obra nacional.»

LEITOR
SE COLABORAR PARA A EXPANSÃO DESTA JORNAL, QUE TAMBÉM É SEU, PRESTA UM BOM SERVIÇO AO ALGARVE.

Estatística Industrial

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Nas indústrias transformadoras as produções principais foram as seguintes: Salsicharia, 11.405 toneladas no valor de 238.908 contos; lacticínios: 11.777 toneladas no valor de 292.736 contos; conservas de peixe: 57.993 toneladas no valor de 970.930 contos; Moagem de farinhas em rama: 164.260 toneladas de farinha de trigo, 205.045 de farinha de milho e 53.170 de farinha de centeio; moagem de farinhas espodadas: 403.306 toneladas de farinha no valor de 1.728.493 contos; descasque de arroz: foram metidas a fabrico 166.608 toneladas de arroz em casca das quais se obtiveram produtos no

valor de 551.371 contos; bolachas e biscoitos: 3.414 toneladas no valor de 47.166 contos; refinação de açúcar: foram obtidas 126.991 toneladas no valor de 644.093 contos; massas alimentícias: 46.122 toneladas no valor de 255.659 contos; bebidas e derivados: 5.105.000 litros no valor de 62.773 contos; cerveja: 20.356.000 litros no valor de 121.840 contos.

No que respeita a construção, os apuramentos estatísticos indicam terem sido construídos 15.718 edifícios nas zonas urbanas do continente e das ilhas adjacentes.

Assinal e propague "Noticias do Algarve"